

LINGUÍSTICA HISTÓRICA E HISTÓRIA DA LÍNGUA. APORTAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Paulo OSÓRIO¹

RESUMO

Uma vez que não dispomos, no período medieval, de registos orais, só os textos escritos remanescentes do passado nos poderão levar à reconstrução (entenda-se parcial) de uma língua histórica. A Linguística Histórica necessita de metodologias específicas. Depois de relegada para segundo plano na tradição linguística, nos tempos hodiernos volta a acolher o estímulo e a reflexão de muitos que a ela se vêm dedicando. Com base em dados seguros, estão definidos com rigor, os contornos periodológicos do termo *a quo* do português medieval. No entanto, um longo caminho terá de ser percorrido na fixação do termo *ad quem* de alguns fenómenos linguísticos deste período. Por isso, seleccionámos um fenómeno singular de natureza sintáctico-semântica (em virtude de ser na Sintaxe histórica que se verificam maiores carências) a fim de podermos definir com rigor as vicissitudes linguísticas do português arcaico.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística Histórica; História da Língua; Sociolinguística Histórica; Verbos (*ter* e *haver*)

Linguística Histórica e Metodologias de Análise

Todo e qualquer estudo que grave na área da Linguística Histórica em geral, e no domínio da história da língua em particular, por pretender abordar os fenómenos da mudança linguística e descrever reconstituindo fases pretéritas de uma dada língua, respectivamente, depara-se naturalmente com dois problemas básicos: por um lado, a penosa e difícil tarefa da constituição de um *corpus* e, por outro, a aplicação de determinadas concepções metodológicas ao tratamento efectivo da documentação em análise. De facto, todo o linguista que opte pela análise da língua do passado deve estar ciente que

¹ UBI, Departamento de Letras e CLUNL. Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Pólo I, 6200-001 – Covilhã (Portugal), paulosorio@hotmail.com

O estudo dos estados passados de uma língua não pode contar com a experiência e a observação directa do linguista, mas apenas com os dois clássicos métodos conjecturais da **reconstrução** desses estados, baseada na comparação entre as variedades contemporâneas deles geneticamente decorrentes, e da exploração das **fontes escritas** produzidas na época que é objecto de atenção (CASTRO, 1991, p. 11-15).

A Linguística Histórica goza, actualmente, de um novo impulso, pois

Nesta viragem de século, quando a Linguística histórica volta a ocupar uma posição de primeiro plano, depois de várias décadas de predomínio da Linguística sincrónica, ela tem vindo progressivamente a integrar novos conceitos teóricos, nomeadamente os que são peculiares de duas disciplinas linguísticas relativamente recentes, a Sociolinguística e a Pragmática (MAIA, 1995, p. 3).

Pretendendo a Linguística Histórica tratar os problemas inerentes à mudança linguística, os contributos da Sociolinguística poderão levar este tipo de pesquisas a bom porto. Sendo o objecto de estudo da Linguística Histórica a abordagem do fenómeno da mudança linguística, apercebemo-nos que estamos em presença de algo muito complexo, uma vez que as motivações inerentes à mudança linguística e à variação nos textos medievais são de ordem diversa. Por um lado, deparamo-nos com motivações de nível estrutural, sistemático e interno, por outro com motivações externas pertencentes ao contexto extralinguístico, nomeadamente no que respeita aos domínios social, geográfico, político, cultural, entre outros, e que apesar de estarem ao nível do domínio externo da língua, em muito concorrem para a mudança e variação linguísticas.

Na abordagem do complexo fenómeno da mudança linguística, torna-se premente o conhecimento dos "factores" que provocam essa mudança e, portanto, o conhecimento do problema histórico da mudança linguística. Apesar da coexistência de factores sistemáticos e externos na língua, sabemos da importância que a inter-relação destes assume na marcha evolutiva da mesma língua. Assim, a mudança linguística origina-se em fontes de inovações que percorrem até ao estado de mudança o filtro de selecção linguístico, mas também o filtro da própria difusão. Deste modo,

O interesse e a importância da teoria sociolinguística para a investigação teórica e metodológica da mutação linguística em geral residem, precisamente, não só nos contributos que a sua metodologia poderá fornecer para lançar um pouco de luz no processo da mudança e explicar o presente, mas também na importância da aplicação, a épocas passadas da língua, das descobertas feitas no âmbito da análise das mudanças em curso, no sentido de minorar a insuficiência dos documentos do passado (CARVALHO, 1998, p. 196).

“Teer” e “aver” no Português Medieval: um Breve Percurso Diacrónico

No que respeita ao período arcaico da língua portuguesa, carecemos de uma visão de conjunto de determinados fenómenos linguísticos, por exemplo, a nível de periodização. Os verbos “aver” e “teer” foram já alvo de estudos parcelares por parte de alguns autores. No português arcaico, os verbos "ter" e "haver", para além de aparecerem com um traço semântico de posse («em razom nom mynguar em esta, se

tam ryja voontade teverem»²; «e os fazem aver pequena sperança de sua salvaçom, louvando sua maneira de vyver por muito segura»³), surgem também acompanhados de participio passado⁴ («o cl(er)igo q(ue) esta´ rreuestido dizendo as palau(ra)s q(ue) d(i)to auemos»⁵) e aparecem, em alguns casos, na construção de perífrases de "aver" e "teer"

² Cf. *LEBC*, edição digitalizada, p. 5. O sublinhado é da nossa responsabilidade.

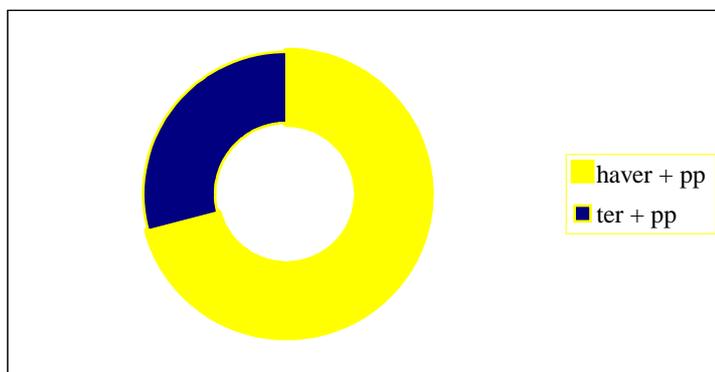
³ *Vide LC*, edição digitalizada, p. 71. O sublinhado é da nossa responsabilidade.

⁴ Se tomarmos, por exemplo, a *Crónica de D. Pedro* e a *Crónica de D. Fernando* observamos os seguintes valores quanto à concordância nas estruturas *haver* e *ter* + participio passado:

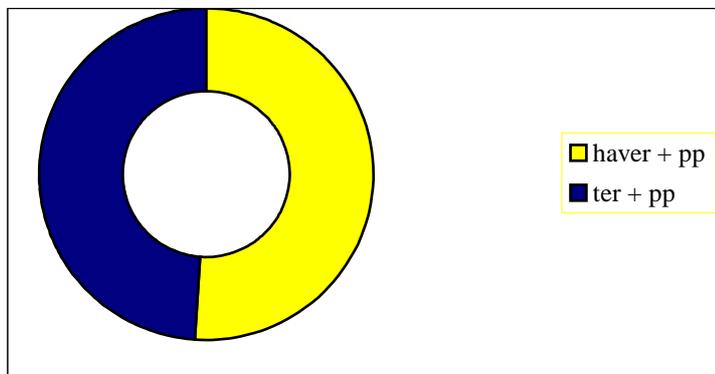
"Haver" e "Ter" + Participio passado na *Crónica de D. Pedro* e na *Crónica de D. Fernando*

Fontes	Haver + participio passado	Ter + participio passado
<i>Crónica de D. Pedro</i>	17 ocs.	7 ocs.
<i>Crónica de D. Fernando</i>	24 ocs.	23 ocs.

"Haver" e "Ter" + Participio passado na *Crónica de D. Pedro*



"Haver" e "Ter" + Participio passado na *Crónica de D. Fernando*



Vide FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando*. Edição crítica por Giuliano Macchi. Lisboa (INCM), 1975 e IDEM, *Crónica de D. Pedro*. Edição crítica, com introdução e glossário por Giuliano Macchi. Roma (Edizione dell'Ateneo), 1966.

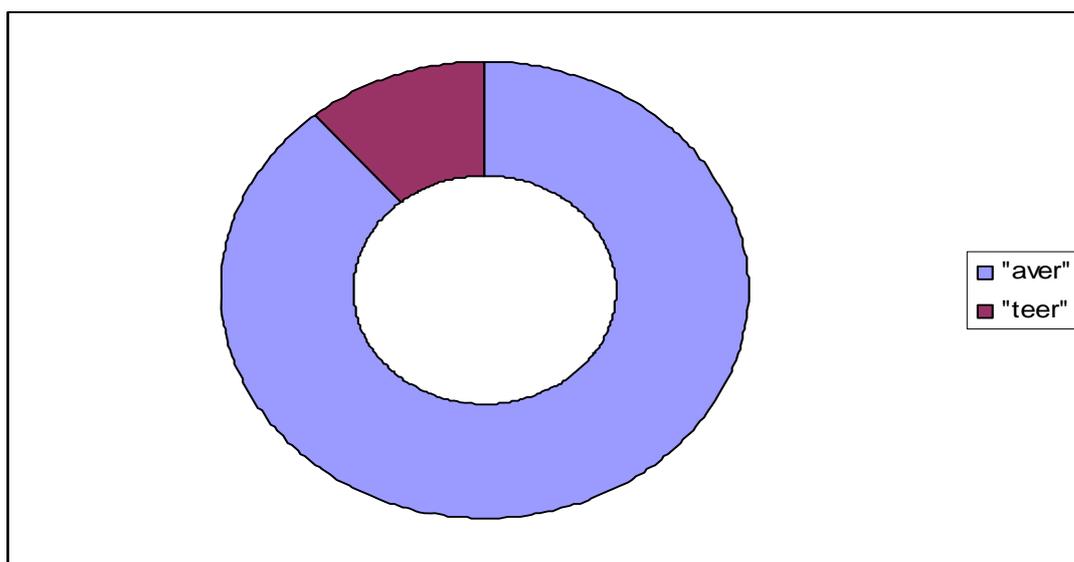
⁵ *Pr.P*, edição digitalizada, p. 33. O sublinhado é da nossa responsabilidade.

+ de + infinitivo e, em menor frequência, em perífrases de "aver" e "teer" + a + infinitivo («por que o seu solar ouve a ficar destruido e ouve a ficar aos reis de Castella Carriom, assy como vollo a estoria devisara»⁶).

Queremos, no entanto, neste estudo, tecer algumas considerações relativamente ao comportamento sintático-semântico destes verbos com particípio passado. O *corpus* de análise, neste texto, atravessa dos séculos XIII a XVI e corresponde aos textos disponíveis, à data, no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (www.cipm.fcsh.unl.pt).

Quanto a “aver” e “teer” + Particípio Passado ainda não se estabeleceu uma cronologia que permita assegurar quando o particípio passado deixou de sofrer flexão. A partir do momento em que deixa de sofrer flexão transforma-se em tempo composto. As fontes analisadas do século XIII mostram casos em que aparece o particípio passado sem flexão, mostrando, assim, a presença de duas estruturas em concorrência, sendo de assinalar uma predominância de *aver* + particípio passado relativamente a *teer*:

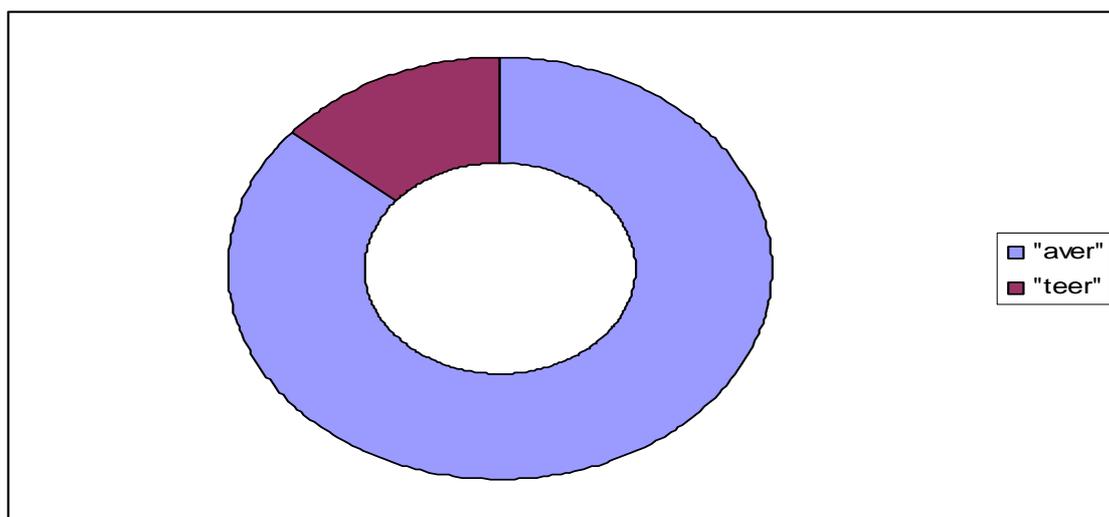
Total de ocorrências de “aver” e “teer” + particípio passado



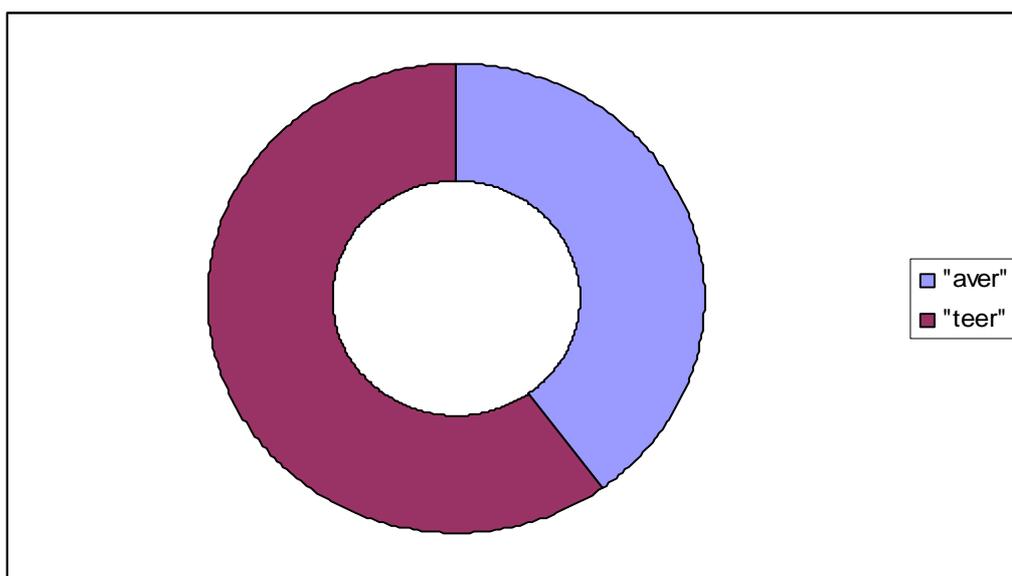
⁶ Cf. *CGE*, edição digitalizada, p. 173. O sublinhado é da nossa responsabilidade.

Pela análise do *corpus*, observamos que a estrutura *aver/teer* + particípio passado não se apresenta sempre igual, existindo, assim, alguma variabilidade, dando-nos, então, conta de que esta estrutura sintáctica se encontra em formação, ou seja, constituindo-se, paulatinamente, como tempo composto. Os tipos de distribuição de “aver”/”teer” + particípio passado + grupo nominal são fundamentalmente os seguintes: V+PP+GN; GN+V+PP; GN+PP+V; PP+V+GN; V+GN+PP.

No século XIII, pela análise encetada, não há ainda a estrutura fixa de “aver”/”teer” + particípio passado, pelo que podemos afirmar, com alguma certeza, a não existência de tempo composto. No entanto, no século XIV, não havendo ainda uma estrutura fixa indiciadora de tempo composto, as fontes mostram que “aver” + particípio passado tem maior representatividade relativamente a “teer” + particípio passado:



No século XV, momento fulcral da passagem da língua portuguesa para os alvares da modernidade, o *corpus* começa a inverter as ocorrências dos dados ducentistas e trecentistas, em virtude de *teer* + particípio passado apresentar maior número de ocorrências do que *aver* + particípio passado:



É, no entanto, no *corpus* analisado da primeira metade do século XVI que encontramos a estrutura de tempo composto a ganhar alguma consistência.

A história linguística desta estrutura é, todavia, muito semelhante ao comportamento de “teer” e “aver” em estruturas de posse. Ao considerar *haver* e *ter* em estruturas de posse, Mattos e Silva (1995: 301) considera estruturas de posse «nos termos descritivos propostos por B. Pottier (1978), em que podem ser definidas como uma relação de dependência entre o predicado e seu sujeito» e face ao complemento destes verbos, ou seja, no que respeita ao objecto possuído, esboça a seguinte tipologia (Mattos e Silva, 1996: 189): estruturas de posse AM (bens adquiríveis materiais); estruturas de posse AI (bens ou qualidades adquiríveis imateriais) e estruturas de posse QI (qualidade inerente, não transferível, do possuidor). Quanto ao preenchimento destas três possibilidades, Mattos e Silva (1995: 305) apresenta o seguinte quadro:

SÉC. XIV E 1ª MET. SÉC. XV			2ª MET. SEC. XV		
(DSG)	(LRR)				
QI	AI	AM	QI	AI	AM
aver	aver	aver	teer	teer	teer
	~ teer fe	~ teer	~ aver	~ aver	
	(DSG)				
	~ teer filho				
(LRR)					

Pela análise das fontes documentais, no que respeita às estruturas de posse, “aver” foi paulatinamente cedendo lugar a “teer”:

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
“aver”	2457 oc.	2516 oc.	784 oc.	66 oc.
“teer”	772 oc.	753 oc.	892 oc.	79 oc.

Breve Síntese

Em todo o *corpus*, notamos que só a partir do século XVI se difundem as estruturas de tempo composto, em virtude de verificarmos nessa documentação

quinhentista exemplos significativos de ausência de concordância. No século XVI, “teer” + pp superar “aver” + pp:

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
“aver” + pp	511 oc.	734 oc.	152 oc.	19oc.
“teer” + pp	39 oc.	98 oc.	182 oc.	42 oc.

Fontes Documentais (*corpus*):

www.cipm.fcs.unl.pt

Referências Bibliográficas:

CARVALHO, Maria José – *Sociolinguística histórica: estatuto, metodologia e problemas*. In: *Revista portuguesa de Filologia*, vol. XXII, Coimbra (Faculdade de Letras), 1998.

CASTRO, Ivo (com a colaboração de Rita MARQUILHAS e J. León ACOSTA) – *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa (Universidade Aberta), 1991.

MAIA, Clarinda de Azevedo – *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1995.

MARQUILHAS, Rita – *Mudança linguística*. In: FARIA, Isabel Hub *et alii* (orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa (Caminho), 1996, pp. 563-588.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *A variação 'haver'/'ter'*. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (org.), *A carta de Caminha. Testemunho lingüístico de 1500*. Salvador (Editora da Universidade Federal da Bahia), 1996, pp. 181-193.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *Variação e mudança no português arcaico: ter ou haver em estruturas de posse*. In: *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. São Paulo (Ed. Nova Fronteira), 1995, pp. 299-311.

Bibliografia:

BECHARA, Evanildo – *As fases da língua portuguesa escrita*. In: *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. III, Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 1991, pp. 68-76.

BYNON, Theodora – *Lingüística histórica*. Madrid (Editorial Gredos), 1981. Tradução de *Historical Linguistics*. Cambridge University Press, 1977.

COSERIU, Eugenio – *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*. 3ª edição, Madrid (Editorial Gredos), 1978.

COSTA, Maria João Marques Alves da – *Os valores dos verbos “aver” e “teer” no português arcaico. Estudo diacrónico de carácter sintáctico-semântico*. Coimbra (Faculdade de Letras), 1998. (Dissertação de Mestrado).

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco – *Hacia una sociolingüística histórica*. In: *Estudios de la Universidad de Alicante*, nº1, 1983, pp. 181-226.

LÓPEZ MORALES – Humberto – *Sociolingüística*. Madrid (Editorial Gredos), 1989.

LUCCHESI, Dante – *Sistema, mudança e linguagem*. Lisboa (Ed. Colibri), 1998.

MAIA, Clarinda de Azevedo – *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1986.

MAIA, Clarinda de Azevedo – *Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre “português arcaico” e “português moderno”*. Separ. da revista *Diacrítica*, nº10. Braga (Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos), 1995, pp. 3-30.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *Caminhos de mudanças sintáctico-semânticas no português arcaico*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº20, 1991, pp. 59-74.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1989.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *O português arcaico. Fonologia*. Bahia (Editora Contexto), 1991.

MATTOS e SILVA – *O português arcaico. Morfologia e sintaxe*. Bahia (Editora Contexto), 1994.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver e ter no galego-português ducentista*. In: *Estudos lingüísticos e literários*, nº19, 1997, pp. 253-286.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia – *Para uma caracterização do período arcaico do português*. In: *D.E.L.T.A.*. Vol. 10, nº especial, 1994, pp. 247-276.

OSÓRIO, Paulo – *Contributos para uma caracterização sintáctica-semântica do português arcaico médio*. Covilhã (Universidade da Beira Interior Editora), 2004.

ROMAINE, Suzanne – *Historical Sociolinguistics. Problems and Methodology*. In: U. AMMON, N. DITTMAR e J. MATTHEIER (eds.) – *Sociolinguistics*, vol. II, Berlin, New York (Walter de Gruyter), 1988, pp. 1452-1469.